



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em
almoço comemorativo aos 230 anos da cidade de Campinas**

Campinas-SP, 14 de julho de 2004

Tem muito prefeito, aqui.

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro João Paulo Cunha,
presidente da Câmara dos Deputados,

Quero cumprimentar nossa companheira Izalene, prefeita de Campinas,

O nosso querido Ricardo Berzoini, ministro do Trabalho,

O nosso querido Olívio Dutra, ministro das Cidades,

A nossa querida companheira Marina, ministra do Meio Ambiente,

O nosso querido companheiro Carlos Wilson, presidente da Infraero,

O nosso querido companheiro deputado Luciano Zica,

Meu caro amigo ex-governador, ex-prefeito, ex-senador, Orestes
Quércia, de São Paulo,

Meu caro Gilberto, prefeito de Ribeirão Preto,

Meu caro João Avamileno, prefeito de Santo André,

Meu caro Vitório Antoniazzi, prefeito de Valinhos,

Meu caro Pivato, prefeito de Cosmópolis,

Meu caro Fernando Ferreira, prefeito de Batatais,

Meu caro Antônio Mário Ielo, prefeito de Botucatu,

Meu caro Adilson Campos, prefeito de Fernandópolis,

Meu caro Paulinho Bururu, prefeito de Jandira,

Meu caro Félix, prefeito de Catanduva,

Meu querido César Pagan, prefeito de Amparo,

Meu Jacó Bittar, ex-prefeito de Campinas,

Meu caro Chico Amaral, ex-prefeito de Campinas,

Meu caro Cidão, ex-presidente dos metalúrgicos de Campinas,



Meus companheiros,
Minhas companheiras,
Empresários,
Deputados estaduais, aqui presentes,
Deputados federais,
Meus amigos e minhas amigas,

Não poderia ir embora desse almoço sem dizer algumas palavras a todos vocês que vieram, aqui, na cidade de Campinas, comemorar os 230 anos dessa nossa querida cidade, símbolo de cidade bem-sucedida do nosso país.

Vimos aqui para inaugurar uma estação de tratamento de esgoto e para fazer uma vistoria, junto com o nosso Presidente da Infraero, nas coisas que estão acontecendo no Aeroporto de Viracopos que, já nos meses de maio e junho deste ano, foi transformado no aeroporto que mais exportou no nosso país. E nós queremos que, com a reforma do Aeroporto de Viracopos, não apenas a gente aumente a capacidade de importação e de exportação, mas também queremos, e muito, o trânsito de passageiros pela região de Campinas.

É importante que os mais jovens se lembrem que antes de Cumbica ser pensada, quando a rodovia Bandeirantes estava sendo construída, essa faixa grande que vocês vêem, no meio da Bandeirantes, era um sonho antigo da construção de um trem bala que ligasse o Aeroporto de Viracopos à cidade de São Paulo porque não se previa, até então, a construção do Aeroporto de Cumbica. Agora, nós temos Cumbica, que já se transformou na maior realidade brasileira, e precisamos fazer com que o Aeroporto de Viracopos volte a ser um aeroporto importante não apenas para cargas, mas também um aeroporto para passageiros. E aí vamos ter que tratar isso com carinho, porque as pessoas não precisam ficar rodando uma hora em cima de Congonhas para descer, no horário de pico dos aviões.



Viemos aqui inaugurar uma estação de tratamento, que é uma coisa inusitada no nosso país. Acho que é importante os empresários, os trabalhadores e a imprensa saberem que, no Brasil, não se gostava muito de investir em saneamento básico. Eu não sei porque, mas muitos governantes não gostavam de fazer obras de saneamento básico. Eu, de vez em quando, achava que isso era coisa que a gente falava em campanha, mas que, no fundo, no fundo, todo mundo gostaria de fazer. E eu constatei, com um ano e oito meses na Presidência da República, que o que nós estamos investindo em saneamento básico, nestes 18 meses, é 14 vezes mais do que foi investido de 1999 a 2002, e três vezes mais de tudo que foi investido de 1995 a 2003. Esses números, por si só, mostram que no Brasil não se gostava de investir em saneamento básico. As razões, acho que muitos sabem, é que nem toda obra de saneamento básico é visível, e tem gente que gosta de fazer só obras visíveis; as que são invisíveis, mas que melhorem a qualidade de vida da pessoas, muitas vezes, não são levadas a sério.

Nós achamos que investir em saneamento básico é investir na saúde. Segundo a Organização Mundial da Saúde, para cada um real que nós investimos em saneamento, nós economizamos quatro na saúde. Isso demonstra que fica muito mais barato investir na prevenção do que investir depois que as pessoas ficam doentes. Então, isso me trouxe a Campinas. E me trouxe a Campinas, também, os 230 anos de aniversário desta cidade, que continua sendo um símbolo de prosperidade, que continua sendo um símbolo de gente qualificada, de gente bem formada, que continua sendo um símbolo de uma cidade com uma estrutura universitária invejável para o nosso país e, por conta disso, atrai empresas de ponta para fazer aqui os seus investimentos. Mas esta cidade, como toda e qualquer cidade brasileira, também tem os seus problemas advindos da situação sócio-econômica do país e do próprio crescimento da região de Campinas e das cidades vizinhas.



Eu quero aproveitar, Izalene, nestes 230 anos de aniversário de Campinas, para dizer para você que nesses 18 meses de governo eu me sinto, talvez, o brasileiro mais otimista da face da Terra, mas eu duvido que tenha alguém que esteja mais otimista do que eu com relação ao futuro do nosso país. Quem é empresário, aqui, sabe que a indústria brasileira cresceu no mês de maio deste ano mais do que em 2002, o ano inteiro.

Todo mundo sabe que a perspectiva de crescimento da indústria brasileira é muito grande e que a perspectiva do crescimento do PIB é razoável, e nós não queremos ficar otimistas, porque não queremos que o crescimento seja apenas uma bolha, como já aconteceu em outros momentos da história do Brasil, em que se cresceu 4% num ano e, depois, não se cresceu nada no outro ano. É importante lembrar que nós estamos praticamente há 20 anos sem que a nossa economia cresça, há 20 anos que neste país se determinou que o Brasil não precisava de política industrial.

E nós estamos, hoje, determinando a existência de uma política industrial e por isso mandamos um projeto para o Congresso Nacional. E, ao mesmo tempo, estamos trabalhando para que o crescimento não seja uma bolha, para que o crescimento aconteça em 2004, 2005, 2007 e que a gente tenha um ciclo de 10, 15 ou 20 anos de crescimento para que possamos gerar e recuperar a dívida social, sobretudo, a dívida com a renda dos trabalhadores e a dívida com os empregos, que nós precisamos pagar neste país.

O ministro Ricardo Berzoini me dizia que, do dia 1º de janeiro deste ano ao dia 1º de junho deste ano, nós tivemos 839 mil empregos com carteira profissional assinada. É pouco, diante do número de empregos que nós precisamos criar, mas é o maior número de empregos formais criados desde 1992.

Uma coisa muito importante que o povo brasileiro tem que atentar é que há muitos e muitos anos não se investia em obra de infra-estrutura em nosso país. Todo mundo aqui sabe que se sairmos do estado de São Paulo e



andarmos pelo Brasil afora, veremos que São Paulo continua sendo um estado privilegiado, quando se trata de infra-estrutura. Mas todo mundo sabe que o governo federal, ao longo dos anos, deixou a desejar. Vocês podem, ao voltar para casa, fazer um teste de lembrança para saber quando foi feita no Brasil a última grande obra de infra-estrutura. E, quando vocês se lembrarem, telefonem para mim e me contem, porque nós paramos de investir em infra-estrutura.

E hoje, governador Quércia, nós estamos com um gargalo para ser resolvido em todos os portos brasileiros. Nós estamos com um problema em quase todas as ferrovias brasileiras, além do grande problema que nós temos em quase todas as estradas federais do nosso país. Por isso é que, este ano, nós estamos recuperando 7 mil e 800 quilômetros de estradas; até março estaremos restaurando e fazendo com que elas se transformem em estradas novas. Por isso é que colocamos como prioridade a recuperação dos nossos portos, fazendo todo o serviço de dragagem que tem que ser feito. É por isso que priorizamos recuperar nossas rodovias, construir a famosa ferrovia que o presidente Sarney começou a construir em 1996, ferrovia Norte-Sul, e que de lá para cá ficou, praticamente, parada. Se nós quisermos escoar toda a produção do Centro-Oeste brasileiro, que cresce de forma extraordinária, nós temos que acabar essa Ferrovia; assim como temos que acabar a ferrovia Transnordestina; como temos que fazer a BR-101 Nordeste, duplicando do Rio Grande do Norte até Salvador; como temos que fazer o Programa de Biodiesel, para produzir o biodiesel da mamona e, quem sabe, desenvolver as regiões mais empobrecidas do país, como o Semi-Árido e o Vale do Jequitinhonha, além das regiões do Norte do país, com a palma e o óleo de dendê.

Essas obras, meu caro, além da transposição das águas do rio São Francisco, que não estamos chamando de transposição, mas de revitalização do rio São Francisco, levando o primeiro trecho, Leste-Oeste, e atingindo os estados do Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, é uma



necessidade para que a gente possa dar ao Nordeste brasileiro a chance de se desenvolver e lá gerar a riqueza necessária para que as pessoas possam trabalhar.

É por isso que estou otimista. Estou otimista porque, quando nós tomamos posse – Mário Garnero pode testemunhar, das suas relações com os empresários – muita gente falava: “ah, não vai dar certo, esse pessoal vai afundar o Brasil.” Não só não afundamos o Brasil, como depois de longos e longos anos nós temos, seguidamente, uma balança comercial extremamente favorável, tornando a situação do Brasil muito mais cômoda na sua relação internacional. Não só não quebramos, como ganhamos, conquistamos credibilidade internacional, com uma política externa ousada, mostrando que o Brasil não tem que pedir licença a ninguém para fazer negócios em qualquer parte do mundo.

E, ao mesmo tempo, estou otimista porque todos os indicadores demonstram que nós teremos um ano de 2004 mais ou menos sólido e já estamos começando a preparar o ano de 2005. Este ano tem eleição e quando tem eleição no Brasil tudo fica mais complicado, as coisas acontecem com maior velocidade, há aqueles que criticam, há aqueles que defendem, e o papel do Presidente da República não é passar como se não existisse eleição, é saber que tem uma disputa ideológica neste país, é saber, claramente, que ainda tem muita gente no país que não se conforma pelo fato de ter perdido o poder, conquistado desde que Cabral chegou ao Brasil; ainda tem gente que não se conforma de um metalúrgico ter virado Presidente da República no Brasil.

E eu acho que cheguei à Presidência, Izalene, num momento melhor da minha vida. Aos 58 anos de idade, nós estamos mais amadurecidos. Você sabe porque que um jogador não joga mais bola aos 58 anos? Porque ele está tão maduro que ele tem consciência de que não pode jogar bola. E quando se atinge essa idéia, você está consciente de que você não tem que ter pressa



para fazer as coisas, que você não tem que ter sentimento de vingança contra ninguém.

Eu sou um cidadão, possivelmente o primeiro presidente da história do Brasil, que não tem o direito de reclamar contra nenhuma manifestação contra mim. Não tenho. Eu sei que, com muitas dessas manifestações – que muitas vezes um político não gosta, porque todos nós somos preparados para os aplausos, quando não tem aplausos, muitas vezes, nós não gostamos – eu não me incomodo, porque eu acho que grande parte desses movimentos as pessoas aprenderam conosco. Nós é que ensinamos as pessoas a fazerem isso. Portanto, nós não temos que reclamar, nós temos que ter consciência que esse é um processo democrático. O Brasil tem uma democracia incipiente e nós precisamos conviver com os contrários, nós temos que conviver democraticamente na diversidade, tendo consciência de que este é um país que precisa ter auto-estima. Uma das coisas que um país não pode perder é a auto-estima pela nossa competência, pela nossa capacidade, por aquilo que nós somos.

Tem um tipo de gente neste país que aceita de graça a idéia de ter uma mentalidade colonizada, ou seja, de que nós só podemos fazer aquilo que os outros querem que a gente faça. E eu aprendi na vida, muito cedo, que nenhum interlocutor respeita um outro interlocutor subalterno, nenhum interlocutor respeita um outro interlocutor que não se respeita. É por isso que eu digo sempre: respeito é bom, eu gosto de dar e gosto de receber. Foi assim que nós resolvemos ter uma política externa ousada para o mundo; foi assim que nós reconquistamos o Mercosul, unificamos a América do Sul; foi assim que nós fomos abrir espaços no Oriente Médio; foi assim que nós fomos à China, à Índia, à África do Sul, a Angola, a Moçambique; foi assim que nós visitamos todos os países da América do Sul e foi assim que nós fomos aos Estados Unidos conversar com o presidente Bush. Quando se discutia a Guerra do Iraque, eu dizia ao presidente Bush: presidente Bush, a minha



guerra é outra, a sua é contra o Iraque, a minha é contra a fome e eu vou fazê-la da melhor forma possível.

Portanto, se Campinas vive um momento privilegiado porque está comemorando 230 anos e porque os sinais de crescimento da cidade também são auspiciosos, eu não poderia deixar de vir a esta cidade, neste dia, dizer para você, Izalene, uma coisa que eu já disse, mas nem todo mundo que estava lá está aqui. Possivelmente você tenha sido uma das prefeitas do PT – aliás, e você, João Avamilenho, que está aqui – que assumiram a prefeitura num momento muito difícil. É muito difícil substituir um companheiro nosso que foi assassinado no começo do seu mandato. Nós perdemos dois quadros extraordinários, o Celso Daniel e o Toninho. E eu sei que você assumiu a cidade numa situação de dor, de muitas complicações e incompreensões políticas, dentre outras coisas porque você é mulher. E, lamentavelmente, no Brasil, ainda prevalece um preconceito, porque dentro de cada um dos homens ainda persiste um nódulo de machismo muito grande e a gente não percebe que as mulheres, devagarinho, estão assumindo o poder neste país e no mundo; cada vez mais ocupando espaço dentro das empresas, nas administrações públicas, na Câmara dos Deputados. Ou seja, se elas são a maioria da sociedade e se o sinônimo de democracia é que quem tem a maioria tem que ocupar os cargos, certamente, vocês estão mais próximas de chegar ao poder do que vocês imaginam.

Mas você conseguiu vencer e, dentro das dificuldades que vivem as prefeituras no nosso país, que vivem os estados brasileiros, você conseguiu sobreviver. E eu não tenho dúvidas que você deixará para o seu sucessor uma prefeitura muito mais equilibrada, com muito mais possibilidades de investimentos do que você recebeu.

Eu quero desejar a todos vocês que são de Campinas, que são dessa região, aos prefeitos de outras cidades, que vocês possam comemorar, porque vai ter festa no dia de hoje na cidade de Campinas, e que vocês possam



Presidência da República
Secretaria de Imprensa e Divulgação
Discurso do Presidente da República

comemorar este dia. E além dos meus parabéns, eu quero agradecer a todos vocês que aceitaram o convite da nossa Prefeita para vir a este almoço, onde o Presidente da República estava de passagem e não podia ir embora sem comer esta comida deliciosa.

Muito obrigado, sobretudo os ex-prefeitos, o Quércia, o Jacó, o Chico Amaral, os prefeitos que vieram de outras cidades. Muito obrigado pela presença de vocês.

Vamos à luta, que temos muito o que fazer pelo nosso país.